

ENSINO DA LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS SURDOS BRASILEIROS: A ABORDAGEM COMUNICATIVA UTILIZANDO A LÍNGUA AMERICANA DE SINAIS (ASL)

**RÔMULO SCHWANZ DIEL¹; ADALBERTO SILVEIRA DA ROCHA RODRIGUES²;
CRISTIANE LIMA TERRA-FERNANDES³**

¹Universidade Federal de Pelotas – romulo.diel@gmail.com

²Universidade Católica de Pelotas – adalbertorochafilho@gmail.com

³Universidade Federal de Rio Grande – cristterra@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

É fato que o ensino de língua estrangeira (LE) é obrigatório em todo o país, devendo ser ofertado pelo menos uma LE para os estudantes do Ensino Fundamental e Médio (BRASIL, 2017). Da mesma forma, os alunos surdos têm o direito à aprendizagem de uma língua estrangeira, uma vez que o currículo é o mesmo para todos. Para os estudantes ouvintes, a LE é a segunda língua a ser adquirida, mas no caso dos surdos, na maior parte dos casos, a LE é a terceira língua a ser aprendida, visto a necessidade de adquirir a língua de sinais como sua língua natural e a língua oral do país, no caso a Língua Portuguesa na modalidade escrita integrada no ensino bilíngue (português e LIBRAS). Na maior parte dos casos, os estudantes surdos são resistentes à aquisição da língua oral do país, devido a não ter acesso natural a ela e, também, por carência de metodologias de ensino mais apropriadas às suas condições. Sendo assim, ao serem apresentados a uma terceira língua, a qual também é na modalidade oral, muitos professores são surpreendidos com as mesmas resistências.

Portanto, a presente pesquisa pretende ampliar as discussões anteriores de abordagens de ensino de LE para surdos, agregando conhecimentos sobre as condições biopsicossociais, achados neurocientíficos, desses estudantes para aquisição de linguagem. Partindo desses achados, discutiremos habilidades de aquisição de uma LE a partir da aquisição de uma segunda língua de sinais (LS) e organizaremos uma aula de língua inglesa (LI) utilizando a abordagem de ensino comunicativo de línguas a partir da Língua de Sinais Americana (ASL) concomitante com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a qual já é de conhecimento dos estudantes. O objetivo da pesquisa, portanto é expandir e incentivar a aprendizagem da LI a partir de uma língua que lhes é neurocientificamente mais apropriada do que a língua oral, ou seja, uma língua de sinais.

O estudo busca explorar a possibilidade de novos saberes de ensino associados à outras alternativas e estratégias didáticas para aprendizagem de uma LE. A alternativa apresentada nesse trabalho diz respeito ao ensino da LI a partir da American Sign Language (ASL). Para tanto, os professores de LI os quais trabalham ou tem o intuito de trabalhar com os estudantes surdos seria uma boa alternativa adquirir a ASL para que seja usada como instrumento de mediação no ensino e aprendizagem da LI, rompendo barreiras linguísticas de

comunicação e possibilitando-os uma alternativa diferente e possivelmente mais eficaz no ensino de línguas estrangeiras.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e se caracteriza por ser uma pesquisa ação, a partir dos conceitos e estratégias de Thiollent (2011). Segundo o autor, a pesquisa ação possibilita a busca de soluções de problemas, através de ações desenvolvidas pelos pesquisadores. Segundo o autor, a pesquisa ação é

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20).

A ação principal é a elaboração e aplicação de uma aula de LI para estudantes surdos do 1º ano do Ensino Médio, partindo da abordagem comunicativa de Richard & Rogers (1986). O plano da aula utilizara a ASL como meio de ensino da LI, como uma alternativa de identificação e aproximação dos estudantes cujas características biopsicossociais se diferenciam dos estudantes ouvintes. Os conceitos advindos das Neurociências servem de base teórica para a pesquisa, a partir de Terra-Fernandes (2018).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aprendizagem da LIBRAS como primeira língua e da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua constitui o ensino bilíngue para surdos. O bilinguismo atende às suas condições biopsicossociais.

O cérebro das pessoas surdas é ativado através da Língua de Sinais, que é uma língua de modalidade visual espacial. A primeira consequência da surdez desde o nascimento é o bloqueio do desenvolvimento da linguagem oral, tanto para falar, quanto para compreender, porém o cérebro tem a estrutura para aprender qualquer língua, desde que o *input* seja abundante (TERRA-FERNANDES, 2018). O *input* (insumo), uma das cinco hipóteses de Krashen, é tudo aquilo que você escuta e/ou lê, e quando compreende se torna *output*. Na aquisição de línguas, o *output* ocorre quando compreendemos o significado da mensagem dita, adquirindo a língua, e para que isso ocorra os professores precisam dar um *input* compreensível para os estudantes forte o suficiente para produzir conhecimento sobre a língua (KRASHEN 1985: VII apud PAIVA, 2014, p.31 e 32). Com a ausência dos estímulos auditivos, a língua é ativada através do estímulo visual das línguas de sinais. Conhecer como essas línguas ativam o cérebro e quais as potencialidades acarretam são fundamentais para pensar nas singularidades do estudante surdo e o ensino bilíngue, vindo ao encontro da ideia de que as crianças surdas têm capacidade inata, que é própria do ser humano, para a aquisição da linguagem (CHOMSKY, 1957).

Uma outra questão é a aquisição da leitura e da escrita da língua oral por indivíduos surdos. Segundo Terra-Fernandes (2018), as crianças surdas consideram a leitura muito difícil, pois precisam ler palavras escritas que são a representação de algo falado, à qual elas têm pouco ou nenhum acesso, fazendo com que o nível de leitura da população de surdos do ensino médio não alcance o necessário para que sejam considerados alfabetizados. Isso intensifica a

importância da Língua de Sinais para o desenvolvimento linguístico sendo ela indispensável para a aquisição da escrita pelos surdos.

Ainda conforme a autora, o contexto social dos surdos x aprendizagem da língua oral e escrita é outra questão fundamental que deve ser considerada no ensino desses estudantes. Muitas crianças aprendem tardiamente a Língua de Sinais e que, sem estímulos suficientes, podem crescer com reduzidas possibilidades de avanços em níveis psicológicos, nas quais dizem respeito a pensamento e a linguagem. Nesse sentido, o papel dos pais é fundamental no processo, não só no desenvolvimento da criança, mas também no conhecimento do mundo e, para tudo isso, é necessária a língua.

Após a apresentação das questões biopsicossociais dos surdos, a pesquisa caminha em direção às fontes do processo de aprendizagem dos surdos que são o conhecimento prévio, partindo de um conhecimento de mundo que eles não têm, a atenção, prendendo a deles em aspectos os quais os façam sentir pertencentes, e a motivação, gerada a partir da identidade surda com uma outra língua de sinais, utilizando-a como ponte para a aprendizagem de uma LE, sendo esses alguns dos resultados da pesquisa de Terra-Fernandes (2018).

Visto todas as questões biopsicossociais e as fontes do processo de aprendizagem, com propósito de ensino de língua estrangeira, foi produzida uma aula de língua inglesa para estudantes surdos do ensino médio utilizando a abordagem comunicativa (ensino comunicativo de línguas) incluindo o uso da língua de sinais americana (ASL) concomitante com a LIBRAS, visando a comunicação como um processo sociointerativo, no qual se constroem não só as ações mas também, as identidades, não há a mera prática de sentenças prontas, no sentido reduzido do termo, “ênfatizando a importância da interação ativa do aprendiz com seu ambiente e com seus pares” (PAIVA, 2014, p.130). Há então a necessidade de concentrar o ensino de línguas sobre a proficiência comunicativa, conforme apontam Richard & Rogers (1986).

4. CONCLUSÕES

A análise realizada nessa pesquisa demonstrou que diante do déficit que o ensino de Língua Estrangeira para surdos apresenta (oportunizando o exercício de duas habilidades: leitura e escrita, das quatro propostas para a total proficiência em LE) e a identificação dos surdos com uma outra LS como ponte de aprendizagem para uma língua oral, uma possibilidade inclusiva para os sujeitos surdos seria o ensino da ASL concomitante com o ensino do Inglês como língua estrangeira, fazendo-se necessário que os professores de LI que trabalham com esses estudantes aprendam a língua de sinais americana como instrumento de mediação no ensino e aprendizagem de inglês. O surdo enquanto bilíngue em uma perspectiva comunicativa possui algum domínio da LIBRAS e da língua portuguesa. Entendemos que para o aprendizado de uma LE, com o mesmo propósito – a comunicação (como defende a abordagem comunicativa), é necessário que ao sujeito surdo seja oportunizada a língua de sinais da região cuja língua estrangeira falada é alvo do processo ensino-aprendizagem. Só assim garantiremos o sucesso na comunicação dos sujeitos surdos e sua real inclusão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Infantil e Ensino Fundamental, Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CHOMSKY, N. **Syntactic structure**. Mouton: Minor, 1957.

PAIVA, V. L.M.O. **Aquisição de segunda língua**. São Paulo: Parábola, 2014.

RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. S. **Approaches and methods in language teaching**. New York: Cambridge University Press, 1986.

TERRA-FERNANDES, C.L.; **Neurociências na formação docente e implicações para a educação bilíngue de estudantes surdos**. 2018; Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande; Orientador: Fernanda Antoniolo Hammes de Carvalho;

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.